

A presença de Laura Amazonas: recepção e institucionalização do espiritismo em Sergipe

Eufrázia Cristina Menezes Santos¹

The Presence of Laura Amazonas: reception and institutionalization of Spiritism in Sergipe

228



Resumo

O artigo aborda a participação da Dra. Laura Amazonas no processo de recepção e institucionalização do espiritismo kardecista no início do século XX, em Sergipe. A análise de sua trajetória como espírita busca sublinhar a relação entre a visão religiosa do mundo e o conjunto de suas ações. Cada indivíduo, ao tomar contato direta ou indiretamente com os fundamentos da religião espírita, faz da visão abrangente uma representação particular, de acordo com sua história de vida e sua posição no conjunto da sociedade.

Palavras-Chave: Espiritismo – Religião - Sergipe

Abstract

This paper focuses on the role of Dr. Laura Amazonas in the reception and institutionalization of Kardecist Spiritism in the Brazilian State of Sergipe at the beginning of the XX century. The analysis of her development as a Kardecist spiritist aims to highlight the relationship between one's religious worldview and actions. Every person, upon being exposed, even indirectly, to the basic ideas of Spiritism will transform the comprehensive view into a particularized representation, in tune with one's own life history and social standing as well.

Keywords: Spiritism – religion – Sergipe

1 Possui mestrado em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas (1998) e doutorado em Ciências Sociais (Antropologia Social) pela Universidade de São Paulo (2006). Atualmente é professora associada da Universidade Federal de Sergipe. Tem experiência na área de Antropologia, com ênfase em Antropologia da Religião, atuando principalmente nos seguintes temas: religiões afro-brasileiras, festa, ritual e cultura popular. E-mail: eufraziacms@hotmail.com

A relação indivíduo e religião encontra-se no cerne deste trabalho, e lastreará as considerações tecidas sobre a trajetória da Dra. Laura Amazonas, enquanto representante da elite intelectual e econômica de Aracaju. O artigo sublinha seu pioneirismo, ao lado de outros agentes sociais, no processo de institucionalização da doutrina espírita no estado de Sergipe, nas primeiras décadas do século XX.

Sigo aqui na esteira de Geertz² ao compreender a religião como um sistema cultural que atua como fonte de concepções gerais em termos das quais o indivíduo ou grupo imprimem significados a uma parte de sua experiência intelectual, emocional e moral. Uma das funções culturais da religião seria, a partir dessas concepções, introduzir uma série de disposições e motivações que conferem um ritmo de atividades e qualidade ao conjunto das experiências. Nessa perspectiva, a relação entre a trajetória de Laura e sua visão religiosa de mundo servirá como pano de fundo para a compreensão do conjunto de suas ações: “ser espírita corresponde a uma participação em um sistema de crenças e cosmologia complexos e na elaboração de uma identidade amarrada a uma escala de valores específicas e densa”³.

O conhecimento de fatos, aspectos e episódios relacionados à biografia da Dra. Laura Amazonas⁴ deixa entrever a influência dos princípios doutrinários do espiritismo kardecista sobre sua visão de mundo. Tais princípios sensibilizaram diversos setores das camadas médias, profissionais liberais e intelectuais, nos primórdios do espiritismo, tanto na França quanto em diferentes países, a exemplo do Brasil, onde a Doutrina de Kardec se inseriu. A essa altura, parece adequado saber um pouco mais sobre a Dra. Laura e o espiritismo kardecista.

Laura Amazonas nasce no dia 03 de maio de 1884, mesmo ano de fundação da Federação Espírita Brasileira. O fato é emblemático do seu encontro com a doutrina de Kardec, que acontecerá ao completar trinta anos. Filha de Manoel Amazonas e Josefa da Silveira Amazonas, Laura passou a infância em Aracaju, ao lado dos três irmãos: Cleobo Amazonas, Josefa Amazonas e Maria Júlia Amazonas. Depois de concluir os estudos do antigo “segundo grau” (hoje chamado “ensino médio”), viaja com o irmão Cleobo para Santos, em São Paulo, para cursar odontologia na Escola de Pharmacia de São Paulo, obtendo o diploma em 1905. De volta a Aracaju, torna-se a primeira sergipana a deter o título de odontóloga,

2 GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1989.

3 VELHO, Gilberto. *Projeto e Metamorfose*: Antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Zahar, 1994, p.55.

4 Esses dados baseiam-se nos depoimentos relatados por Maria Domitila Santos (1911-1983), sua filha adotiva; Walter Santos (1930-2013), afilhado; José Smith (1927-2005), médium receitista e psicógrafo, presidente do Grupo de Trabalho “Caminho da Redenção” e Maria Augusta dos Santos, ex-integrante do catecismo da União Espírita Sergipana.



profissão que exercerá até por volta de 1950. A origem social e a educação recebida foram, certamente, elementos decisivos na construção de sua trajetória individual, sobretudo em um contexto socio-histórico no qual costumeiramente se sonhava às mulheres o acesso à educação formal. Tendo permanecido solteira até o fim da vida, Laura adotou legalmente como filha Maria Domitila Santos. Tradição e vanguardismo se completam de maneira singular em sua biografia, configurando um modelo de ação que, sob vários aspectos, foi paradigmático e serviu de lume às futuras gerações. Sua atuação como mulher, odontóloga, espírita, intelectual e benemérita revela uma personalidade austera, bondosa, inteligente, capaz de influenciar pessoas pela força do exemplo, mas sem a preocupação de agradar ou convencer. Trata-se de uma presença notável nos círculos em que orbitou, com o poder de suscitar igualmente atração e repulsa.

230



Espiritualismo Moderno

De acordo com os especialistas do tema⁵, o surgimento em 1856 do espiritismo Kardecista na França é uma das expressões do movimento espiritualista do século XIX. Esses autores utilizam a expressão para se referir ao

[...] movimento de cunho religioso e intelectual que reunia de forma eclética, difusa, tradições e filosofias de origens as mais diversas, tendo como perspectiva comum o enfrentamento dos valores da modernidade e preceitos da ciência, de um lado, e a crítica à tradição cristã, de outro⁶.

Nesse contexto, a Europa assistiu ao ressurgimento de antigas crenças e práticas de natureza mística, esotérica e mágica como a quiromancia, a astrologia, a cabala e a magia negra. Nos Estados Unidos, por sua vez, surgiram movimentos religiosos contrários aos imperativos da ciência e do materialismo dominantes, a exemplo dos Mórmons, das Testemunhas de Jeová, da Teosofia e do Adventismo. Ao próprio espiritismo de origem francesa antecederam correntes espiritualistas que abordaram e questionaram a existência do espírito, bem como a sua condição após a morte do corpo físico. A historiadora Eliana Moura da Silva, ao exemplificar esse espiritualismo do século XVIII, cita a doutrina de Emanuel

5 A respeito da relação entre o espiritualismo moderno e espiritismo Kardecista ver: LATIER, Jacques. *O Espiritismo*. Tradução de Antônio J. Massano. São Paulo: Martins Fontes, 1980; MACHADO, Ubiratan. *Os intelectuais e o espiritismo: De Castro Alves a Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1983; SILVA, Eliana Moura. *O espiritualismo moderno no século XIX*. Textos didáticos. Campinas: IFCH/UNICAM, nº 27, maio de 1997; AUBRÉE, Marion & LAPLANTINE, François. *A mesa, o livro e os espíritos: Gênese, evolução e atualidade do movimento social espírita entre França e Brasil*. Tradução de ATIK, Maria. L. Guarnieri, [et al.]. Maceió: EDUFAL, 2009.

6 STOLL, Sandra Jacqueline. *Espiritismo à Brasileira*. São Paulo: Edusp, 2003, p.26

Swedenborg sobre a morte e o destino dos mortos: “O mundo espiritual era formado por esferas diferentes para onde os espíritos iam de acordo com a luminosidade e a espiritualidade da sua condição no momento da morte”⁷. A autora menciona também a figura do místico Kaspar Lavater (1741-1801) – pastor Calvinista de Zurique ligado ao movimento místico pietista de Jacob Boehme – a quem se atribui uma série de trabalhos sobre as concepções da alma após a morte. Suas formulações postulam a possibilidade de comunicação entre mortos e vivos, os quais poderiam receber dos espíritos instruções, pensamentos e conhecimentos acerca da vida pós-morte. À época do surgimento do espiritismo kardecista, já havia sociedades espiritualistas e teosóficas devotadas ao estudo das manifestações dos mortos, envoltas ainda, porém, por uma aura de mistério e magia. O que teria mudado então? A grande inovação do movimento residia na abordagem dos temas e práticas imemoriais (a vida após a morte, a invocação dos espíritos, o mundo espiritual, etc.), agora livre das restrições e dogmatismos das religiões tradicionais. A partir de então, os fatos sobrenaturais seriam desvendados à luz da razão e da ciência positiva.

A gênese do espiritualismo moderno nos Estados Unidos tem como marco o fenômeno de Hydesville, observado em 1847 no Condado de Wayne, próximo a Nova York. Na residência da família Fox passaram a ocorrer acontecimentos estranhos, tais como ruídos, deslocamento de objetos e móveis, fenômenos atribuídos ao espírito de Charles Ryan, que teria sido assassinado e enterrado naquela casa no ano de 1832. As irmãs Fox, Margaret e Katie, de 12 e 15 anos, respectivamente, sistematizaram uma forma de contato com o espírito de Charles, utilizando uma espécie de código no qual a cada conjunto de batidas correspondia uma determinada letra do alfabeto. Com o tempo, as irmãs Fox, sob a orientação dos espíritos, deram início à publicização dos fenômenos espíritas em reuniões realizadas em salões residenciais com o objetivo de transmitir “mensagens destinadas a acalmar os vivos sobre os mistérios do além e a mostrar-lhes as vias terrenas da paz e da felicidade”⁸.

Essas reuniões atraíram um grande número de adeptos e deram origem aos primeiros ajuntamentos espíritas da história. “Em 1854 o *modern spiritualism* conta, nos Estados Unidos, com perto de três milhões de adeptos e cerca de dez mil médiuns, profissionais da comunicação com o além”⁹.

7 SILVA, Eliana Moura. *O espiritualismo moderno no século XIX*. Textos didáticos. Campinas: IFCH/UNICAM, nº 27, maio de 1997, p.12

8 LATER, Jacques. *O Espiritismo*. Tradução de Antônio J. Massano. São Paulo: Martins Fontes, 1980, p.48.

9 AUBRÉE, Marion & LAPLANTINE, François. *A mesa, o livro e os espíritos*. Gênese, evolução e atualidade do movimento social espírita entre França e Brasil Tradução de ATIK, Maria. L. Guarnieri, [et al.]. Maceió: EDUFAL, 2009. p.28.



A rápida expansão favoreceu o surgimento, em 1850, de uma nova modalidade de comunicação com os espíritos: as mesas girantes. Nesse tipo de sessão, as pessoas se reuniam ao redor de uma mesa, colocavam as mãos sobre ela e se concentravam. Enquanto os presentes recitavam o alfabeto, as mesas se moviam para indicar as letras que o espírito queria reunir para responder às questões formuladas pelos participantes. Os fenômenos, que pareciam desafiar as leis da física, repercutiram amplamente nos Estados Unidos, Europa e em vários países, despertando o interesse de magnetizadores, místicos e ocultistas.

Além dos estudiosos, as mesas girantes também chamaram a atenção dos mais incrédulos que as encaravam como uma forma de entretenimento, de modismo passageiro.

A disseminação e popularização das mesas girantes acabaram por atrair a atenção do professor *Hippolyte Léon Denizard Rivail*¹⁰ (posteriormente conhecido pelo pseudônimo de Allan Kardec). A ele se atribui o trabalho de observação, catalogação e sistematização dos fenômenos espirituais por meios científicos, conferindo-lhe, posteriormente, uma expressão filosófico-doutrinária. Sobre o método utilizado, diz o professor:

[...] apliquei a essa nova ciência, como até então tinha feito, o método de experimentação: nunca formulei teorias preconcebidas, observava atentamente, comparava, deduzia as consequências dos efeitos, procurava remontar às causas pela dedução e pelo encadeamento lógico dos fatos¹¹.

O corpus teórico da nova doutrina, denominada por ele de espiritismo, é o produto do diálogo estabelecido por Kardec com os espíritos superiores através das pessoas que serviam como intermediárias entre o mundo dos homens e o dos espíritos (os médiuns). A base doutrinária do espiritismo está exposta na codificação composta por cinco obras fundamentais: O Livro dos Espíritos, de 1857, que apresenta os aspectos filosóficos; O Livro dos Médiuns, de janeiro 1861, que contém a parte experimental e científica; O Evangelho segundo o Espiritismo, de abril de 1864, que explicita o conteúdo moral da doutrina; O Céu e o Inferno, de agosto de 1865, que discute sobre as penas e recompensas divinas; e, por fim, A Gênese, de janeiro de 1868, que trata dos milagres e predições segundo o espiritismo.

10 “Hippolyte Léon Denizar Rivail, nasceu a 03 de outubro de 1804, em Lyon, onde seu pai era juiz. Rivail realizou seus primeiros estudos em sua cidade natal, sendo enviado, aos 10 anos, para complementá-los no estabelecimento de ensino instalado por Pestalozzi num castelo de Yverdon. Nos anos que permaneceu no Instituto de Educação Pestalozzi, Rivail teve acesso aos conhecimentos reservados à juventude bem nascida na primeira metade do século XIX. A partir dos 14 anos tornou-se colaborador no educandário, depois submestre, tendo lecionado várias matérias. Rivail conhecia profundamente o idioma alemão, inglês, holandês, algumas línguas neolatinas, latim e grego”. In: DAMAZIO, Silva F. Da Elite ao Povo: *Advento e expansão do Espiritismo no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994, p.42.

11 KARDEC, Allan. *O que é espiritismo*. 10 edição, tradução de Salvador Gentile. São Paulo: IDE, 1980

O espiritismo foi apresentado ao mundo como uma doutrina de natureza tríplice: filosófica, científica e religiosa. Kardec a definiu como “a ciência que trata da natureza, da origem e da destinação dos espíritos, e das suas relações como o mundo espiritual”¹².

Em um século no qual se glorificavam a razão, o cientificismo, o materialismo e o darwinismo, o espiritismo apresentou uma proposta religiosa universalista, sem dogmas, sem templos e sem culto, o que despertou o interesse de homens e mulheres de várias regiões do globo. A doutrina kardecista viria a exercer especial fascínio sobre os meios intelectual, artístico e científico da época. Várias personalidades (entre as quais se poderiam citar Arthur Conan Doyle, Victor Hugo, Cesare Lombroso, William Crookes, Camille Flammarion, Robert Owen, e o naturalista inglês Russel) se debruçaram sobre ela, seja para louvá-la, como adeptos, seja para detratá-la, como opositores da nova doutrina.



Espiritismo Brasileiro

O estreito contato com a França, no século XIX, favoreceu a rápida divulgação do fenômeno das mesas girantes em terras brasileiras. Acredita-se que os estudiosos do magnetismo, intelectuais e leitores dos jornais europeus, realizaram as primeiras sessões muito furtivamente. Segundo Ubiratan Machado, o fenômeno só se tornaria conhecido após divulgação na imprensa carioca. A edição de 14 de junho de 1853 de *O Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro, trouxe, na seção exterior, uma correspondência de Berlim descrevendo uma reunião das mesas girantes na Alemanha¹³.

Esses fenômenos foram, a princípio, atribuídos ao mesmerismo, e só posteriormente associados aos espíritos, a partir das experiências com as irmãs Fox. O mesmerismo, formulado pelo médico austríaco Franz Anton Mesmer (1734-1815), no final do século XVIII, propunha, com base no princípio de atração universal postulado por Newton, a existência de um fluido universal que exerceria sobre o corpo humano efeito análogo ao do ímã, ao qual o médico chamou de magnetismo animal¹⁴. O corpo humano se comportava como um ímã, defendia Mesmer, devido à presença no sistema nervoso de um fluido eletromagnético, sobre o qual deveria se atuar para a cura de várias doenças. Sua teoria não despertou o interesse apenas de pesquisadores. Mesmo depois de sua morte, suas ideias continuariam a suscitar a curiosidade de inúmeras pessoas, inclusive das camadas populares, em diferentes países. O efeito dessa popularização foi transformar o magnetismo em “divertimento de feira”. Eram frequentes as exposições de magnetizadores nas praças e ruas europeias. Uma

12 Idem, p.10.

13 MACHADO, Ubiratan. *Os intelectuais e o espiritismo*: De Castro Alves a Machado de Assis. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1983.

14 O Mesmerismo foi introduzido no Brasil em meados do século XIX.

das mais conhecidas aplicações do magnetismo animal foi provocar o sonambulismo artificialmente. Descobre-se que o sono provocado revela conhecimentos surpreendentes. Generalizou-se rapidamente a crença no poder dos sonâmbulos de prever o futuro, tragédias, etc. Nesse período, o sonambulismo foi exercido majoritariamente por mulheres, que atraíram para sua órbita pessoal vários consulentes ávidos por respostas para os problemas que os afligiam. De acordo com Machado, foram as sonâmbulas francesas, interessadas em auferir vantagens financeiras, os agentes responsáveis pela introdução dessa prática em nosso país¹⁵.

À época, as ideias de Mesmer, apesar de restritas aos segmentos mais intelectualizados da corte, ainda estavam em voga. Mas, independente dessa vertente mais culta, as sessões de mesas girantes ganharam notoriedade, e se transformaram em fonte de respostas para questões de natureza subjetiva e existencial, ou mesmo de ordem mais ampla. Diante das adversidades, as pessoas buscavam desvendar os mistérios ocultos, os segredos, a razão do sofrimento. E assim, “com o mesmo caráter epidêmico com que grassava na Europa, o fenômeno foi praticado em todo o Brasil durante o ano de 1853¹⁶”. A afluência das mesas girantes favoreceu o aumento de sonâmbulos e magnetizadores, que passaram a explorar financeiramente a credulidade alheia. Vale frisar que nesse período as ideias espíritas ainda não gozavam de ampla publicização, situação que mudaria apenas em meados da década de 60 do século XIX. Até então, “a doutrina de Kardec seria apenas um exotismo perigoso, ensaiando os seus primeiros passos e penetrando nas brechas abertas pelo magnetismo”¹⁷.

De acordo com Marion Aubrée e François Laplantine¹⁸, autores de uma das pesquisas mais abrangentes sobre o espiritismo na França e no Brasil, a rápida difusão da doutrina se deveu à revolução dos meios de comunicação, ocorrida a partir da segunda metade do século XIX. O transporte marítimo, em especial, favoreceu o deslocamento de milhões de imigrantes para a América, ampliando o intercuro de ideias entre o Velho e o Novo Mundo. Outro fator importante foi o desenvolvimento da imprensa escrita. Os jornais e a literatura foram cruciais na disseminação das ideias espíritas entre as camadas mais cultas. Os autores sublinham também o papel das redes de correspondentes no mundo inteiro, que passaram a alimentar as revistas espíritas com informações vindas dos Estados Unidos, da França, do Brasil e do além.

15 MACHADO, Ubiratan. *Os intelectuais e o espiritismo: De Castro Alves a Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1983.

16 Idem, p.47

17 Idem, p.52

18 AUBRÉE, Marion e LAPLANTINE, François. *A mesa, o livro e os espíritos*. Gênese, evolução e atualidade do movimento social espírita entre França e Brasil. Tradução de Maria Luiza Guarnieri Atik [et al]. Maceió: EDUFAL, 2009, p.63.



O espiritismo entrou no Brasil pelas mãos dos imigrantes franceses residentes no Rio de Janeiro. Eram jornalistas, professores e comerciantes que desfrutavam de uma boa condição socioeconômica e de prestígio social. Dada a posição que ocupavam na corte, puderam professar as ideias espíritas livremente, sem qualquer oposição, inclusive da Igreja Católica. Ávidos pelas novidades intelectuais e pelos últimos acontecimentos do Velho Mundo, reuniam-se na redação do jornal *Courrier du Brésil* para debater as diferentes tendências científicas, filosóficas e religiosas em voga. Foi nesse reduto intelectual que provavelmente circularam pela primeira vez no Brasil as crenças espíritas. De modo mais abrangente, pode-se afirmar que a doutrina de Kardec encontrou no panorama nacional solo intelectual favorável à sua germinação. Esse espiritismo da corte ficou inicialmente restrito à colônia francesa, cujas reuniões e sessões domésticas assumiram um caráter esotérico e elitista. Não se fez nenhum registro desse período, restando-nos apenas os nomes dos introdutores do espiritismo no Brasil: Casimir Lieutaud¹⁹, Adolphe Hubert, Morin e a médium psicógrafa Madame Perret Collard.

No plano institucional, algumas iniciativas verificadas na Bahia foram cruciais para a expansão do espiritismo no país. Em 17 de setembro de 1865, o jornalista Luís Olímpio Teles de Menezes criou o primeiro centro espírita, denominado “Grupo Familiar do Espiritismo”. O jornalista também foi criador do Jornal Espírita “O Eco do Além Túmulo”, além de ter publicado o primeiro livro espírita brasileiro, “Filosofia Espiritualista: introdução ao estudo da doutrina espírita”. Ao contrário dos espíritas do Rio de Janeiro, que se reuniam secretamente, o grupo baiano promovia a divulgação do espiritismo na imprensa escrita.

A partir de 1900, o espiritismo expande-se para outros estados brasileiros. Apontam-se como impulsores do crescimento a construção de centros espíritas, a ênfase na cura e na prática da caridade. O espiritismo no Brasil, assim como as demais expressões culturais que aqui aportaram, assumiu uma configuração singular, a partir de uma apropriação seletiva de sua doutrina e de sua prática. Os aspectos filosóficos e científicos da doutrina de Kardec não reverberaram com a mesma intensidade que os religiosos. Por sua vez, os fenômenos mediúnicos atenderam muito mais aos interesses individuais do que aos científicos. Na perspectiva de alguns estudiosos, a ênfase no aspecto religioso constituirá um dos traços distintivos do chamado “Espiritismo Brasileiro”²⁰.

19 Casimir Lieutaud, era educador, poeta, contista e diretor de um dos mais renomados escolas da corte: O Colégio Francês. Foi Lieutaud o responsável pela publicação do primeiro livro de divulgação espírita no Brasil: *Le Temps sont Arrivés*.

20 A predominância desse aspecto foi igualmente associado à liderança de Francisco Cândido Xavier, considerado pelos espíritas brasileiros como um médium dotado de indiscutíveis faculdades mediúnicas e morais. A ele é atribuída a produção, por via mediúnica (psicografia) de 59% de toda literatura deste século. A respeito ver o importante trabalho de STOLL, Sandra J. *Espiritismo a Brasileira*. São Paulo: Edusp, 2003.



No Brasil, a religião espírita desdobra-se em doutrina e movimento. A doutrina reúne o conjunto de seus princípios básicos; o movimento espírita compreende o conjunto de atividades desenvolvidas e organizadas pelos espíritas para divulgar esses princípios e vivenciar suas máximas. As instituições espíritas englobam os centros espíritas (unidade básica) institutos culturais, hospitais, orfanatos, asilos, federações e editoras.²¹

Espiritismo em Sergipe

A inserção do espiritismo em nosso estado acompanhou o movimento mais amplo dessa religião em âmbito nacional. De acordo com o escritor e jornalista espírita Martins Peralva ²², a doutrina de Kardec fez sua entrada em Sergipe nas décadas de 80 e 90 do século XIX, tendo como núcleos receptores os municípios de Laranjeiras e Estância. Já em Aracaju, o registro das primeiras sessões espíritas aguardaria o início do século XX.

O descompasso entre a presença do espiritismo na capital sergipana em relação às cidades interioranas citadas suscita alguns comentários de ordem sociológica. No Brasil, o florescimento do espiritismo foi essencialmente urbano²³. Elevada a capital por lei de 1855, Aracaju (até então povoado Santo Antônio de Aracaju) era carente não só de infraestrutura adequada às novas funções político-administrativas, como também de vida urbana compatível com o novo título. Em contrapartida, Laranjeiras e Estância eram mais densamente povoadas, com ares de cidade onde elementos de diferenciação econômica e cultural indicavam a presença de vida urbana relativamente ativa, e, portanto, mais receptivas às novas ideias e alternativas no campo religioso. Significativamente, é em Laranjeiras que, no último quartel do século XIX, instalam-se os primeiros núcleos protestantes em Sergipe em confronto ao catolicismo dominante²⁴, fato que se repete em Estância já no início do século XX²⁵.

Como ocorrera no restante do país, o espiritismo kardecista em Sergipe atraiu especialmente os setores mais intelectualizados e represen-

- 21 CAVALCANTI, Maria Laura V. de Castro. *O Mundo invisível: Cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa no espiritismo*. Zahar, 1983.
- 22 PERALVA, Martins. O espiritismo em Sergipe. In: *Anuário Espírita*. São Paulo: Instituto de Difusão Espírita, 1970, p.148. Primeiro registro que se tem notícia sobre a história do espiritismo em Sergipe.
- 23 A respeito ver: CAMARGO, Cândido P. Ferreira de. *Kardecismo e Umbanda*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1961; AUBRÉE, Marion e LAPLANTINE, François. *A mesa, o livro e os espíritos*. Gênese, evolução e atualidade do movimento social espírita entre França e Brasil. Tradução de Maria Luiza Guarnieri Atik [et al]. Maceió: EDUFAL, 2009.
- 24 Ver: OLIVEIRA, Filadelfo Jonatas de. *Registro de Fatos Históricos de Laranjeiras*. Aracaju: Casa Ávila, 1942, p.178
- 25 Ver: SOUZA, Raimundo S. *Gente que conheci, coisas que ouvi*. Aracaju: FUNDESC, 1991, p.30.



tantes das camadas médias²⁶. Entre os primeiros espíritas de Sergipe encontram-se médicos, jornalistas, odontólogos, professores, militares, e comerciantes. Nessa fase inicial, os espíritas se reuniam em residências para o estudo da doutrina e o exercício da prática mediúnic²⁷:

Na capital, só no começo do século XX, nos idos de 1903, um Sr. Serôa da Mota, em sua residência na antiga Praça da Matriz (hoje Praça Olímpio Campos (...)) realizava as primeiras sessões espíritas, com familiares e amigos, estudando “O Evangelho Segundo o Espiritismo” e o “Livro dos Espíritos”, além de praticar o intercâmbio com o mundo espiritual, pela mediunidade. Não conhecemos dados, seguros, sobre esses pioneiros, o que nos impede maiores detalhes.

Vários estudiosos sublinham o caráter inicialmente doméstico e familiar do espiritismo brasileiro. No Brasil, assim como na França, os lares foram os principais focos de práticas e difusão do espiritismo. As sessões mediúnicas neles realizadas tinham como objetivo a comunicação com os mortos, fenômeno que se encontra na gênese do espiritualismo moderno, como já mencionado anteriormente.

Nas duas primeiras décadas do século XX, as residências dos médiuns ou dos líderes do movimento espírita local constituíram o embrião dos primeiros centros espíritas de Aracaju. Nessa fase inicial, o interesse se concentrava mais nas reuniões mediúnicas do que propriamente nos estudos das obras da codificação kardequiana²⁸. Foi em um desses núcleos familiares que a Dra. Laura Amazonas deu os passos iniciais no espiritismo kardecista. Em 1914, ela participou pela primeira vez de uma sessão espírita na casa de Filenila Nascimento, espírita convicta já havia alguns anos, que realizava reuniões de estudo e de caráter mediúnico em sua residência, na Rua Maruim 227, no centro da capital²⁹. Ainda de acordo com sua filha adotiva, Laura Amazonas frequentou também as reuniões do primeiro centro espírita do Estado, “Obreiros do Senhor”, fundado em 29 de junho de 1919. Pode-se considerar essa fase como um marco de sua conversão pública, em um contexto no qual o espiritismo ainda enfrentava resistência e preconceito no campo confessional brasileiro.

Carlos Rodrigues Brandão, ao analisar as relações de oposição, concorrência e aliança entre católicos, protestantes e religiões mediúnicas,

26 A respeito da adesão da classe média ao espiritismo ver: AUBRÉE, Marion & LAPLANTINE, François. *A mesa, o livro e os espíritos*. Gênese, evolução e atualidade do movimento social espírita entre França e Brasil. Tradução de Maria Luiza Guarnieri Atik [et al]. Maceió: EDUFAL, 2009.

27 PERALVA, Martins. O espiritismo em Sergipe. In: *Anuário Espírita*. São Paulo: Instituto de Difusão Espírita, 1970, p. 148.

28 Cf. JESUS, A. Monteiro de. *Memórias: Excertos do Movimento Espírita pioneiro em Sergipe*. Aracaju: Gráfica e editora Triunfo, 1997, p.73.

29 Essa informação baseia-se no depoimento de sua filha adotiva, Maria Domitila Santos, em entrevista concedida ao Prof. Edmilson Menezes, em 1989.



lembra-nos de que após sua instauração no Brasil, o espiritismo francês afiliou adeptos eruditos e conheceu um período de intensa atividade proselitista. Afirma o autor:

Durante os 40 primeiros anos do século, [o espiritismo] sustentou uma polêmica intensa com a Igreja Católica e, em que pese a extrema incompatibilidade doutrinária, esteve aliado a Igrejas protestantes e grupos de maçons nos Comitês pró-liberdade de Consciência, que tinham na liberdade de culto, na quebra definitiva das relações de aliança entre catolicismo e poder de Estado no Brasil e na laicização do ensino escolar gratuito as suas principais bandeiras de luta³⁰.

Nessa fase inicial do espiritismo em Sergipe, a ação de Laura foi duplamente diferenciada, quer seja pela construção de uma nova identidade religiosa – o catolicismo fora sua religião de berço – quer seja pela sua atuação no movimento espírita como mulher. Cabe aqui tecer algumas considerações sobre a presença feminina na gênese do movimento espírita. No Rio de Janeiro, um dos primeiros núcleos de recepção do espiritismo no Brasil, a participação das mulheres, embora pequena, foi considerada significativa por Damazio: “o fato é que o movimento espírita no Rio de Janeiro contou, desde o início, com a participação de elementos femininos. Foram citados os nomes de Madame Perret Collard, Rosa Molteno e Isabel Sampaio”³¹. De acordo com a autora, o movimento espírita valorizará o papel feminino, destoando assim do contexto social da época, que relegava a mulher a um plano secundário, tanto na vida pública quanto privada: “buscou-se a sua conversão, sua participação na prática espírita e a orientação de sua prole”. A autora identifica no espiritismo uma faceta similar à observada no positivismo de Augusto Comte: a que se refere à importância da participação feminina no processo de novas gerações. Justifica-se assim o grande número de espíritas, principalmente de mulheres, comprometidos com atividades educacionais.

No século XIX, na França e no Brasil, citam-se as mulheres mais frequentemente do que os homens em relatos de sessões mediúnicas. Algumas delas, a exemplo de Eusapia Palladino e Florence Cook³², granjearam reconhecimento internacional devido às extraordinárias faculdades mediúnicas



30 BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Ser Católico: dimensões brasileiras. Um estudo sobre atribuição através da religião. In: FERNANDES, Rubens César, et al. *Brasil & EUA: Religião e Identidade Nacional*. Rio de Janeiro: Graal, 1988, p.41.

31 DAMAZIO, Sílvia F. *Da Elite ao Povo*. Advento e expansão do Espiritismo no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994, p.140.

32 Florence Cook, jovem inglesa de 15 anos, foi objeto de pesquisa do Cientista William Crookes. A mediunidade de Eusápia Paladino foi pesquisada por vários cientistas, dentre eles: Cesare Lombroso e Camille Flammarion.

de que eram dotadas. No Brasil, segundo Aubrée e Laplantine³³, a atuação das mulheres ao longo do século XX se estenderá do exercício mediúnic para a beneficência, o que salientará as características religiosas da nova doutrina em detrimento de sua dimensão científica e filosófica.

A participação de Laura Amazonas, entretanto, se diferenciou nesse aspecto, pois além de ocupar os espaços tradicionalmente destinados à mulher, ela também atuou em áreas onde a presença masculina era numericamente mais expressiva. Vejamos um pouco dessa ação diferenciada.

Nos anais da história do espiritismo em Sergipe, seus pares lhe reconhecem o pioneirismo na configuração do movimento espírita no estado. Na apresentação do Livro “Memórias: excertos do Movimento Espírita pioneiro em Sergipe”, Antônio Monteiro de Jesus³⁴, ao elencar as figuras exponenciais no trabalho de recepção e expansão da Doutrina em Sergipe, destaca os nomes da Dra. Laura Amazonas, Lívio Pereira da Silva, José Elson Fontes, José Gonçalves de Oliveira, Martins Peralva, Francisco Oliva, Deusdedit Fontes e Amélia Alves.

Os registros de Peralva³⁵ sobre os primórdios do espiritismo em Sergipe indicam dois fatores importantes para sua expansão no início do século XX: a palavra e a cura. A presença ostensiva na capital sergipana de fenômenos de cura – uma expressão da caridade espírita – atraiu diferentes segmentos sociais e notabilizou alguns médiuns aos quais se atribuíam tais fenômenos, como Basílio Martins Peralva e Elfego Nazário Gomes, cognominado Irmão Fêgo. As espetaculares curas imputadas a esses militantes espíritas trouxeram para a órbita do espiritismo muitos adeptos que buscavam alcançar, por meio da terapia espírita, alívio para as dores do corpo e do espírito. Repete-se, assim, em Sergipe o que ocorrera ao espiritismo em outros estados brasileiros: a cura espírita como um dos principais motores de sua disseminação entre as camadas populares.

O crescimento do campo espírita, que se defrontava às vezes com acusações de curandeirismo, exigiu a regularização jurídica dos núcleos de estudos e de prática mediúnic. Como veremos a seguir, Dra. Laura envolveu-se direta ou indiretamente na construção das primeiras instituições espíritas de Aracaju e, posteriormente, na unificação do movimento no estado.

Com a formação de novos núcleos e o aumento do número de seguidores, percebe-se a necessidade de se criar uma entidade aglutinadora, inten-

33 AUBRÉE, Marion e LAPLANTINE, François. *A mesa, o livro e os espíritos*. Gênese, evolução e atualidade do movimento social espírita entre França e Brasil. Tradução de Maria Luiza Guarnieri Atik [et al]. Maceió: EDUFAL, 2009, p.147.

34 JESUS, A. Monteiro de. *Memórias: Excertos do Movimento Espírita pioneiro em Sergipe*. Aracaju: Gráfica e editora Triunfo, 1997.

35 PERALVA, Martins. O espiritismo em Sergipe. In: *Anuário Espírita*. São Paulo: Instituto de Difusão Espírita, 1970.





to parcialmente atingido em 09 de setembro de 1930, com o surgimento da União Espírita. A entidade resulta da fusão de três centros espíritas: “Obreiros do Senhor” (1929), Amor e União e Viana de Carvalho. Os dois últimos centros, ao contrário do primeiro, não dispunham, à época, de registro em cartório, o que nos impede de conhecer sua data de fundação. Na década de 40 do século XX, A Federação Espírita Brasileira (FEB) idealiza um movimento de unificação: o Pacto Áureo, histórico documento firmado em 1949 no Rio de Janeiro, com o objetivo de reunir as instituições espíritas em torno da FEB, através das Federações estaduais. Constituiu-se então a Caravana da Fraternidade, responsável pela formação de entidades federativas nos estados do Norte e do Nordeste. A Caravana chega a Sergipe em novembro de 1950 e, em acordo com as lideranças locais, forma-se uma comissão executiva com representantes de quatro entidades que, sob a presidência de Elson Fontes, tratará da fundação e organização da Federação Espírita Sergipana³⁶. Como estrutura organizacional que tenta agregar em torno de si os núcleos que vão se multiplicando ao longo dos anos, a Federação desenvolve um trabalho de aglutinação e, não raro, de fiscalização, enquanto luta por uma sede própria, conquistada somente em 1981. Na linha sucessória da instituição, Dra. Laura Amazonas foi a segunda presidente, e a primeira mulher a assumir o cargo³⁷.

Na União Espírita, Dra. Laura Amazonas participou das reuniões mediúnicas como doutrinadora, fato que deve ser bem frisado, porque, como já mencionado, cabia costumeiramente às mulheres, nesse contexto, atuarem como médiuns. Ao doutrinador incumbe aconselhar os espíritos sofredores, levar a palavra do evangelho e prestar esclarecimentos sobre a sua nova condição de espírito. Para a realização de semelhante tarefa exige-se conhecimento aprofundado do Evangelho e da doutrina dos espíritos, competências que, associadas a sua formação escolar e autoridade moral, eram nela amplamente reconhecidas pelos seus pares.

Um fato emblemático da constituição das fronteiras entre o espiritismo e as religiões afro-brasileiras em Aracaju envolveu Dra. Laura e o médium José Smith³⁸. Durante entrevista sobre sua trajetória como médium, Smith relata as dificuldades enfrentadas por ele, entre os espíritas de Aracaju, por incorporar o Preto velho Pai Joaquim, além de outras entidades do panteão umbandista. Segue um trecho do seu depoimento:

36 PERALVA, Martins. O espiritismo em Sergipe. In: *Anuário Espírita*. São Paulo: Instituto de Difusão Espírita, 1970.

37 De acordo com Antônio Monteiro de Jesus, ao longo de quarenta anos, a contar a partir da data de fundação (1950-1990), presidiram a FEESE: José Elson Fontes; Dra Laura Amazonas; José Gonçalves de Oliveira; José Mesquita Neto Sandoval Barros; Antônio Monteiro de Jesus; Gonçalo Ferreira Melo; Orlando de Moura Caldas

38 José Smith (1927-2005) era portador de vários tipos de mediunidade. Seus feitos mediúnicos o notabilizaram entre seus pares, nos anos cinquenta e sessenta do século XX, era um dos médiuns espíritas mais conhecidos de Aracaju.

Ai comecei a ir para União Espírita. Dona Laura Amazonas, com aquela positividade começou a me orientar também naquela época. Deu uns agitos em mim. Eu disse que não ia mais lá, que ela era muito bruta, aquele jeitão de falar de forma muito austera. Uma vez eu cismeiei de ir na União e Dona Laura estava presidindo a reunião mediúnica, Pai Joaquim veio e ela proibiu, não permitia de maneira nenhuma. Mas ele calmamente saiu e pediu perdão. Ele ainda dizia: é minha fia branca, Jesus veio pra letrado, veio pra aqueles que não são letrados.”³⁹

O embate entre Laura e Smith, que não é um episódio isolado, nos diz muito sobre o processo de construção de fronteiras e das identidades religiosas. A crença em espíritos é tema comum entre as religiões mediúnicas e categoria de entendimento para uma série de práticas, rituais e cerimônias desenvolvidas em nossa sociedade. Por outro lado, as diferentes formas de representar e estabelecer relações com os espíritos constituem fatores de diferenciação voltados para a construção de identidades religiosas, engendrando um movimento de acusações e desqualificações.

O espiritismo kardecista sempre se preocupou em rejeitar qualquer aproximação com as religiões afro-brasileiras, por considerar o conjunto de práticas por elas desenvolvidas expressões primárias de religiosidade. Assentados sobre o grande esquema evolucionista que marca seu sistema de crença e de pensamento, os espíritas interpretam as religiões afro-brasileiras como resquícios de práticas animistas e fetichistas oriundas do continente africano, como expressões religiosas compatíveis com as condições morais e intelectuais de indivíduos ainda apegados a práticas mágicas, a credulidade e a superstição. Historicamente, considerou-se a recusa de pretos velhos e caboclos no espiritismo kardecista como um dos fatores responsáveis por dissidências resultantes no movimento de formação da umbanda⁴⁰.

Ainda na União Espírita, Dra. Laura participou ativamente das reuniões de estudo e desenvolveu, por muitos anos, o trabalho de evangelização infantojuvenil – tarefas executadas com tanto prazer que a motivaram a participar da fundação das primeiras instituições educacionais vinculadas ao movimento espírita sergipano. Em 1949, Dra. Laura Amazonas doou uma área superior a 650 m² (localizada na rua D. José Tomaz, bairro São José, em Aracaju) para construção de um complexo filantrópico associado à União Espírita Sergipana, a “Casa do Pequenininho”,

39 Sobre a presença do Preto Velho no universo religioso brasileiro, ver: Santos, Eufrazia C. Menezes. *Preto Velho*. As várias faces de um personagem religioso. Dissertação de Mestrado. Programa de Mestrado em Antropologia Social. Campinas: UNICAMP, 1998, p. 113.

40 A respeito ver BROWN, Diana. O papel histórico da classe média na Umbanda. In: *Religião e Sociedade*, n. 1, maio de 1977; ORTIZ, Renato. *A morte branca do Feiticeiro Negro*: Umbanda e Sociedade. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.



que englobava uma escola primária, a escola-creche Amélie Boudet e o internato “Lar Meimei”. Na perspectiva espírita, a educação compreende não apenas a transmissão do conhecimento instituído, mas também a edificação moral e espiritual do homem. Nas obras da codificação, a possibilidade de solução dos problemas sociais liga-se à educação moral da humanidade. Pode-se ver a proposta educacional espírita como expressão dos ideais espiritualistas do século XIX que almejavam a transformação do homem e da sociedade:

O anticlericalismo, o anti-institucionalismo, o livre-pensamento, o papel preponderante dado à instrução de homens e mulheres de qualquer classe social, uma visão regeneradora da sociedade através de novos valores éticos e morais, a derrubada de barreiras que separavam sexos, classes, raças, credos, apareciam em diferentes níveis dos discursos e imaginários espiritualistas do século XIX.⁴¹

242



Ao lado de Elson Fontes, Deusdedit Fontes e dos casais José e Lurdes Resende e José e Neide Mesquita, Dra. Laura participou da criação do primeiro órgão de divulgação do Espiritismo em Sergipe, o Jornal “o Luzeiro”. Antônio Monteiro de Jesus⁴² faz questão de ressaltar a ousadia do empreendimento do grupo num período (1930/1950) em que eram ainda muito incipientes em nosso estado a imprensa escrita e a radiodifusão. Os jornais, que foram cruciais na expansão do espiritismo no Brasil, também serviram, nos primeiros núcleos receptores da nova expressão religiosa (Salvador e Rio de Janeiro), como tribuna de defesa contra as acusações lançadas por seus opositores.

Além de participar ativamente do projeto de fundação da União Espírita Sergipana, Dra. Laura colaborou na construção da sede própria do Grupo espírita “Irmão Fêgo”, segunda entidade legalmente constituída no Estado de Sergipe⁴³. Dispensou empenho similar à construção do Albergue Noturno “Lívio Pereira”, criado em 16 de Julho de 1948, no pavilhão da sede daquela instituição. A entidade visava proporcionar abrigo e repouso noturno aos necessitados, sem distinção de cor, casta ou credo religioso⁴⁴. Ainda no âmbito da mesma instituição, doou seu gabinete dentário, no dia 20 de abril de 1952, para a prestação de assistência odontológica

41 SILVA, Eliana Moura. *O espiritualismo moderno no século XIX*. Textos didáticos. Campinas: IFCH/UNICAM, nº 27, maio de 1997, p.23.

42 JESUS, A. Monteiro de. *Memórias: Excertos do Movimento Espírita pioneiro em Sergipe*. Aracaju: Gráfica e editora Triunfo, 1997.

43 JESUS, A. Monteiro de. *Memórias: Excertos do Movimento Espírita pioneiro em Sergipe*. Aracaju: Gráfica e editora Triunfo, 1997, p.73.

44 Trecho do artigo 1, § 1º do estatuto do Albergue Noturno “Lívio Pereira”, citado por JESUS, A. Monteiro de. *Memórias: Excertos do Movimento Espírita pioneiro em Sergipe*. Aracaju: Gráfica e editora Triunfo, 1997, p.103.

às crianças das escolas mantidas pela Fundação Lívio Pereira. A ação tornou possível a alguns odontólogos, a exemplo do Dr. Levi Lemos e Dr. José Teófilo de Santana, exercerem a profissão em benefício da população mais carente do bairro Siqueira Campos (antigo Aribé)⁴⁵. Posteriormente, ao lado do empresário Silvio Santos, à época presidente do grupo Espirita Irmão Fêgo (15/07/62 a 16/07/96), Dra. Laura apoiou o projeto de construção do internato “Nosso Lar”, edificado num amplo terreno, na Rua Mato Grosso, nas imediações da instituição.

Ainda no campo assistencial, participou da diretoria do Asilo Rio Branco e atuou como benemerita junto ao Hospital de Hanseníase e à antiga Penitenciária do Estado, localizada no Bairro América.

O espiritismo enquanto religião de salvação enfatiza o papel da obra pessoal no processo redentivo. A salvação pode ser atingida sem o recurso a quaisquer poderes sobrenaturais⁴⁶. Em observância ao princípio kármico-evolucionista, os espíritas elegeram a caridade, ao lado do estudo e da mediunidade, como um dos principais meios de salvação, no sentido weberiano do termo. Encontra-se no conjunto da literatura espírita um grande número de orientações acerca da importância dessa prática no processo evolutivo individual, ratificadas tanto pelas lideranças no âmbito institucional, quanto pelos guias espirituais no plano mediúnico. A realização de obras assistenciais é, de fato, consequência do modo como essa ideia é trabalhada no plano das representações espíritas e atualizada na prática, ganhando forma e importância numa sociedade fundada na máxima heterogeneidade social.

Ainda que o espiritismo seja uma religião codificada – o que lhe garante certa unidade doutrinária – cada indivíduo, ao tomar contato direta ou indiretamente com seus fundamentos, transforma a visão abrangente em uma representação particular, em sintonia com sua história de vida e posição no conjunto da sociedade.

45 JESUS, JESUS, A. Monteiro de. *Memórias*: Excertos do Movimento Espírita pioneiro em Sergipe. Aracaju: Gráfica e editora Triunfo, 1997.

46 WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. Trad. de Regis Barbosa e Karen E. Barbosa. Brasília, DF: Editora da UNB, 1991.